

FATOS E NOTAS

ELABORAÇÃO INTERNACIONAL DUMA HISTÓRIA CIENTÍFICA E CULTURAL DA HUMANIDADE (1)

No decorrer da última sessão da Conferência Geral da Unesco, foi adotado, por grande maioria, o projeto duma História do Desenvolvimento científico e cultural da Humanidade.

Trata-se duma idéia que estava há muito em elaboração. Já no momento em que havia sido discutido em Londres o próprio princípio da Unesco, os ministros dos diferentes países que se tinham reunido, haviam considerado um projeto de redação duma história do desenvolvimento científico da Humanidade.

Essa idéia fôra vivamente apoiada na França, principalmente por Lucien Febvre, que a defendeu em seguida no curso das Assembléias Gerais da Unesco. Sucessivamente, em Paris, em Mônaco, em Beirute, reuniram-se Comissões de peritos para examinar em que condições se poderia realizar êsse trabalho, e que plano se adoptaria para apresentá-lo ao público.

Entretanto, o próprio fato de que o projeto era enviado sem progresso notável, de ano para ano, às diversas conferências gerais, prova que forte oposição se delineava contra êle. Razões profundas explicam essa oposição: a preocupação de cada nação de escrever para si, para seu próprio uso, uma história da Humanidade que conceda o mais possível de honra às suas próprias ações, às suas próprias ideologias, às suas próprias descobertas.

Realmente, em cada país, a história universal só é uma moldura, em cujo centro se desenrola a única história, julgam-no, verdadeiramente importante: a própria história nacional. Desde 1949, o Sr. Torres-Bodet, Diretor Geral da Unesco, podia exprimir-se assim:

“Certamente, não se trata de negar a realidade dos conflitos com que os homens arrostaram, com que arrostam ainda. Trata-se sômente de levantar o quadro das grandes obras de cultura que poliram a existência do homem e lentamente produziram a civilização. Essas obras são descritas em tratados especializados, ou em capítulo semelhante duma história geral. Mas nunca se tentou

(1). — Tradução do t exto franc es por Hilda Penteador de Barros, auxiliar de ensino da Faculdade de Filosofia, Ci ncias e Letras (U.S.P.).

ainda, crêmo-lo, uma síntese universal dêsse aspecto da evolução humana. Talvez convenha acrescentar que, até êstes últimos anos, nossos conhecimentos adquiridos apresentavam ainda demasiadas lacunas e incertezas. Hoje, como o testemunharam os historiadores que a Unesco já consultou, tal síntese é razoavelmente possível; importa empreendê-la com a vontade de conseguí-la, e com espírito de serena objetividade. Amanhã, talvez, realizar-se-ão novas pesquisas, que renovarão nossos dados atuais; a sorte de tôda a emprêsa histórica é tal, que seus resultados podem um dia ser ultrapassados. Mas, publicando uma síntese de nossos conhecimentos sôbre o desenvolvimento científico e cultural da Humanidade, a Unesco, longe de adormecer o espírito crítico, o estimulará a pesquisas novas e apaixonadas. Nada na natureza, nem no estado atual da ciência histórica — tenho disso profunda convicção — proíbe executar essa síntese: tudo, pelo contrário, o instiga.

“Quanto ao resultado prático dêsse projeto, é, antes de tudo, oferecer ao público culto uma visão de conjunto assaz minuciosa, e aos professôres, um instrumento de trabalho manejável, em que se exprima novo modo de ver em relação à história. Não se trataria de escrever nova história universal e enciclopédica, mas é possível apresentar e ordenar claramente conhecimentos bem fundados sôbre um aspecto, demasiadas vêzes desprezado, da evolução humana. Assim, ao lado das histórias nacionais e do ensino tradicional, de que são o objeto, êste trabalho contribuirá para fazer nascer nos espíritos a consciência duma solidariedade universal, o respeito dos valores culturais, a compreensão de todos os povos e o amor da paz que permite o desenvolvimento da civilização.”

Notemos já a parte importante, desde essa época, tomada por numerosos sábios, e principalmente, pelo brasileiro Miguel Osório de Almeida. Após êsses trabalhos de peritos, a Conferência Geral deu um passo a mais para a frente, e em 1950 decidiu a criação duma comissão que seria encarregada de realizar o projeto.

No decorrer do inverno de 1950-1951, essa comissão começou a trabalhar. Contava entre seus membros representantes de tôdas as disciplinas científicas e históricas, assim como da maior parte das grandes culturas (a Índia, a Ásia, a Europa, o Império Britânico, os Estados-Unidos, a América Ibérica, tinham cada qual um Representante).

Certamente, o trabalho da Comissão foi de encontro a numerosas oposições e essa vez, não mais sôbre o plano nacional, como recentemente, mas sôbre o próprio plano da técnica histórica. É preciso notar bem que a escola histórica está sobretudo adiantada na Europa. Todos os congressos internacionais das ciências históricas, que se têm realizado há meio século, assinalaram a superioridade esmagadora do trabalho europeu.

A consequência dêsse estado de coisas é, primeiramente, que a história mundial, tal qual é estudada hoje, é principalmente consi-

derada através da história da Europa, mas é também que grande número de notáveis especialistas europeus se opõe a encarar uma história do mundo, considerando de boa fé que os países não europeus ainda não estão bastante aparelhados para poderem trazer uma contribuição considerável.

Mas, pode-se dizer também que foi o desejo de países até então mal representados na ciência histórica, que fez um projeto, discutido há tanto tempo, redundar no bom êxito que notávamos ao começar, na época da Conferência de Paris do mês de julho de 1951. O projeto, tal qual foi constituído, propõe-se apresentar, numa visão de conjunto, o que sabemos da evolução da Humanidade, de suas origens aos nossos dias, mostrando como os povos, por si mesmos ou por influência recíproca, tiraram partido das probabilidades oferecidas ao homem, enriquecendo, cada um a seu modo, a civilização. Trabalharemos como Historiadores, mas admitiremos também esta prova fundamental: a espécie humana, quanto à questão do corpo, como à do espírito, é uma.

Observar os sentimentos religiosos ou as idéias filosóficas, as ciências ou as técnicas, os idiomas ou as estéticas é uma variedade infinita. Mas, se nos interessamos primeiro em estudar a maneira por que essa variedade de elementos se desprende da vida quotidiana dos povos, reconhecemos então a comunidade de modos de proceder dos sentidos e do espírito e classificamos, primeiramente, aqui mesmo, os gêneros de vida e os tipos de sociedade.

A História científica e cultural baseia-se assim no estudo concreto da condição humana, e difunde as manifestações originais do espírito criador ao serviço da Humanidade.

Cada povo tem seus gênios, capazes de tirar os ensinamentos do passado, de descobrir as possibilidades do presente e de projetá-las sobre o futuro, e certamente suas obras-primas exprimem em primeiro lugar sua própria experiência e, todavia, êsses gênios pertencem também à Humanidade. À medida que se estabelecem mais estreitos contactos entre povos mais numerosos, as obras-primas se espalham e realçam as aspirações comuns da Humanidade inteira.

A multiplicação das relações entre as nações causa inevitavelmente conflitos que, por sua vez, acarretam a desorganização e, às vezes, a destruição de povos, o declínio de seu poder criador, o desaparecimento de alguns de seus elementos culturais e até mesmo de culturas inteiras. E, contudo, a tendência da evolução, manifestada pelo conhecimento científico, exprimiu-se por uma solidariedade sempre mais cordial dos homens.

Oferecem-se ao homem de hoje duas grandes tarefas: em primeiro lugar, compenetrar-se de que a ciência lançou as bases de nova ordem social, deu nova base à respectiva comunidade de trabalho e interesse das diversas nações; em seguida, conhecendo o passado e as necessidades primordiais do presente, desenvolver entre os povos o sentimento de sua responsabilidade como de sua au-

tonomia da unanimidade das consciências, como do direito à liberdade individual em que se desabrocham as vocações.

Fiel a esta norma de proceder, a história científica e cultural da Humanidade apresentará aos leitores o que a ciência moderna considera adquirido, sem desconhecer a relatividade do conhecimento histórico. Ela constituirá a fonte comum de onde cada nação possa descobrir, a partir de sua própria história, uma visão de conjunto da origem do homem. Quando povos e culturas aparecerem diferentes, é do próprio homem que se tornará a achar o destino comum. Assim pensamos favorecer, na educação das crianças como do público, a expansão dessa consciência comum à qual aspira o mundo moderno.

Se o tema fundamental é um, é lícito, porém, dividir a história em alguns grandes períodos, caracterizados pela formação de certos povos, pela constituição — ao redor de centros geográficos determinados — de certos sistemas econômicos, políticos e sociais, pelo aparecimento de vocações e de progressos particulares, do conhecimento da Arte e da Religião, enfim no estabelecimento, entre os povos, de relações características por sua técnica ou por seu espírito. Nota-se, mui comumente, que no fim de cada um desses períodos se assiste a um esforço da população para fazer suas as descobertas de povos que a precederam, e que esses períodos também não se acabam senão quando essa mesma população tenha feito suas próprias descobertas, que servirão de base aos que trabalharem depois dela.

No trabalho, de que se trata, esses diferentes períodos serão divididos em seis volumes distintos.

1) No decorrer de centenas de milhares de anos o homem se constitui e começa a espalhar-se pela superfície da terra. Cada grupo humano deve adaptar-se a meios naturais próprios, adquirindo os conhecimentos necessários para aí agir eficazmente. Assim, aprende a domesticar animais, a cultivar plantas e, depois, a utilizar metais. É então que surgem as primeiras cidades da Mesopotâmia, do Egito, de Creta e do vale do Indus. Dessas cidades, como dos estados e impérios que delas sairão, espalham-se tradições jurídicas, artísticas, científicas e religiosas, por muito tempo vivazes em nosso patrimônio histórico.

2) Esses progressos ganham novas regiões; aparecem novos povos, que fundam novas cidades e novos estados: eis a era clássica, em que se forma tanto na China, quanto na Índia, na Pérsia, como na Palestina, na Grécia, depois em Roma, a essência das culturas e tradições científicas, que ainda hoje estão no íntimo de nossa vida. Esses países, multiplicando seus intercâmbios, principalmente depois da constituição dos grandes Impérios, exercem sua influência, não somente uns sobre os outros, mas ainda sobre numerosas regiões vizinhas.

3) Quando esses povos ao redor conseguem penetrar nas terras do classicismo, suas próprias tradições recebem nova expressão. Na Ásia, a cultura chinesa e a indiana permanecem vivazes, e a cultura islâmica se eleva. Graças ao Islão fundem-se bons êxitos e descobertas das mais diversas regiões, para novo enriquecimento. E o Cristianismo se espalha em tôda a Europa, consolidando a diversidade de suas culturas; intercâmbios econômicos e intelectuais reatam e estreitam novos laços entre a Europa e a Ásia.

4) Compreendendo o sentido das invenções da Grécia e estimulado por Roma, pelo Islão, descobrindo de novo a Índia e a China, os povos da Europa exploram o mundo inteiro, descobrindo novos continentes, povos de cultura milenar. Enriquecidos por esses novos contactos, esclarecidos por novo conhecimento da natureza, esses povos elaboram novo uso da razão e da pesquisa científica, nova concepção do indivíduo e da nação, e enfim, o capitalismo moderno. São essas as novas bases do desenvolvimento da Europa e de numerosas regiões do mundo.

5) Ora, a actividade européia, ao penetrar em diversas regiões do mundo é seguida por uma grande confusão. Eis que se formam migrações de povos, que partem da Europa, arrastados da África. Eis novas nações que se constituem. E após as grandes revoluções do XVII e XVIII século, que fizeram da liberdade o ideal supremo dos Ocidentais, eis que se forma uma vasta comunidade nova, reunida ao redor do Oceano Atlântico e repousando sobre as tradições da cultura européia, dividida também pelos sentimentos nacionalistas. A autoridade dessa comunidade se exerce pouco mais ou menos sobre os outros povos do mundo; ora, é a obra pacífica do sentimento religioso, ora, a ambição de riqueza e do gosto das conquistas imperialistas. Mas sempre se espalham ainda técnicas e idéias, à medida da ciência que as constitui.

6) As novas descobertas científicas, os progressos da técnica e dos meios de comunicação, e o aumento das populações tendem a fazer do mundo um todo econômico e técnico. As diversas nações, uma consciência mais penetrante de sua personalidade; entretanto, tiveram de associar-se em número sempre mais reduzido de grupos. Esses grupos contrastam ainda pela divergência de suas ambições e de seus sistemas. Muito se esforçam, todavia, por organizar sua própria unidade, por assegurar sua ordem interior e sua paz civil. Resta, pois, a grande tarefa da Humanidade actual: encontrar essa consciência comum, que permita a unidade mundial da Humanidade, apoiada na dependência econômica e técnica, e na qual, todavia, seja preservada a diversidade das culturas de nossa Herança.

A comissão organiza o plano de trabalho, fá-lo executar até a publicação do texto definitivo. Para desempenhar sua missão, ela assegurará o aparecimento duma revista de erudição, intitulada "Os

Cadernos", com um subtítulo em inglês, que lhe especificará o fim e a substância. Uma Junta de redação, constituída no seio da Comissão e agindo sob sua orientação, redigirá o plano pormenorizado, executá-lo-á, concluirá o texto definitivo, que será submetido à Comissão, velará pela fundação da revista e pela sua publicação.

Com o auxílio da Junta de redação, a Comissão escolherá um Diretor-chefe para cada um dos seis tomos. "Os Cadernos" aparecerão em todos os trimestres; compreenderão os artigos dos diversos colaboradores e acolherão, com tôda a independência e lealdade, os comentários e as críticas, qualquer que seja sua origem e qualquer que seja seu espírito. A Comissão pretende despertar, através do mundo inteiro, um interesse geral pela história cultural e científica da Humanidade e estimular-lhe o estudo ponderado.

Os redatores-chefes dos diversos tomos concorrerão com a Junta de redação, escolherão os colaboradores, cujos artigos serão publicados em "Os Cadernos"; essa escolha será efetuada entre os especialistas das disciplinas interessadas de todos os países do mundo. Os redatores-chefes redigirão o texto dos tomos que lhes tiverem sido confiados, baseando-se nos artigos dos colaboradores diversos e em suas próprias pesquisas. De quando em quando, a Junta de redação e os redatores-chefes dos diversos tomos se reunirão para constituírem em Conselho de redação da História. O Diretor-chefe de "Os Cadernos" desempenhará, junto ao Conselho de redação, o papel de Conselheiro.

A Comissão procederá, antes do fim de dezembro de 1951, à escolha dos diversos redatores-chefes. O Conselho de redação selecionará os primeiros colaboradores, no decorrer duma reunião que convocará em janeiro de 1952. Outros colaboradores serão designados, no curso da elaboração do texto. Em janeiro de 1953 aparecerá o primeiro número de "Os Cadernos", pelo desvêlo da Junta de redação e do redator-chefe de "Os Cadernos". A Junta de redação submeterá à Comissão o texto definitivo da História em junho de 1956.

Devemos insistir aqui particularmente sôbre o papel dêsses cadernos periódicos, que permitirão a todos os historiadores, em todos os países, velar pelo trabalho em elaboração, fazer ouvir, por conseguinte, suas críticas, que a tal novo método científico puder fazer, ou melhor ainda às decisões tomadas pela Comissão.

É preciso notar que êsse projeto já suscitou, em alguns países, novo gôsto pela História Universal, pela criação de ensinamentos, pela abertura de centros de pesquisas. É muito desejável que êsse projeto seja a ocasião, para os grandes países novos que ainda estão no alvorecer de seu esforço para as pesquisas históricas, de precipitarem sua atividade, a fim de poderem tomar o lugar que merecem no seio dêsse grande esforço internacional.

Queremos, de modo todo particular, chamar a atenção do Brasil sôbre o caso. Ele está representado na Comissão; dispõe de

quatro membros na Delegação respectiva (ao passo que a maior parte das outras nações só têm dois); conta um amigo fiel no seio da Junta de Redação de três membros. Os historiadores brasileiros podem, pois, estar certos de que tôdas as suas sugestões, todos os seus trabalhos serão objeto duma atenção particular e receberão amplamente o lugar que lhes é devido.

Se nos permitem, lamentamos aqui que ainda não exista uma grande história do povo brasileiro. Desejamos de todo o nosso coração que daqui a alguns anos, e graças a uma colaboração de todos os historiadores dêste grande país, possa ser encarada a elaboração dum trabalho monumental sôbre êsse assunto. Seria conforme às tradições largamente internacionais da cultura brasileira que essa grande história do Brasil pudesse ser publicada mais ou menos no momento em que se escreve a história da Humanidade.

CHARLES MORAZÉ

Diretor de estudos na Escola Prática de Altos Estudos (Paris) e antigo Professor da Cadeira de Política da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.